

A RESPOSTA

Eunice Dutra Galéry

Tudo lhe era conhecido ali. Cada cantinho, que ela limpava conscienciosamente, como lhe mandaram. Sabia quantos passos media o corredor que levava ao refeitório, quantos até o banheiro; onde cada coisa se encontrava no dormitório. Se um dia ficasse cega, não faria grande diferença: talvez os outros nem mesmo percebessem.

Os outros... Norma sempre tinha um pouco de medo dos outros: principalmente dos novatos. Sempre havia caras novas e, quando chegavam, Norma se escondia num canto da cozinha. A cozinheira era mais velha que ela e, de vez em quando, lhe dava uma panela para raspar.

Norma não sabia muito bem há quanto tempo estava ali. Será que já tinha vivido em outro lugar? Uns retalhos de lembrança insistiam em aparecer vez por outra, mas era à noite, em sonhos, que eles teimavam em voltar; assim, Norma nunca tinha certeza, nunca conseguia separar o real do sonhado.

Eles eram bons para ela, ali. Ela se sentia protegida, em segurança. Sua adoração pela Irmã Caetana era comovente. Chegava a dormir na soleira da porta da Irmã, como um bichinho, para ficar mais perto dela. Quando a Irmã Caetana descobriu o que ela fazia, não ralhou com ela: apenas lhe explicou que não devia fazer aquilo, que poderia adoecer por dormir no chão frio e finalmente lhe disse que estava proibida de continuar a fazê-lo. Norma aceitou e obedeceu: desse dia em diante, ia sempre dormir em sua cama, no dormitório, junto com as outras, embora, na hora de se deitar, voltasse os olhinhos amendoados para o lado do quarto da Irmã Caetana.

Só de uma coisa Norma não gostava ali: era tudo tão cinzento!... Cinza o pátio acimentado, onde apenas duas árvores raquíticas punham um pouco de verde, cinza as roupas de todos, cinza as paredes, até as colchas, a princípio brancas... Ela gostava de cores, muitas cores. Ficava fascinada, vendo Irmã Caetana juntar retalhos para fazer colchas coloridas, tão lindas! Norma gostaria de ter uma colcha daquelas para pôr na sua cama; mas quando Irmã Caetana acabava uma, guardava numa grande caixa, uma após a outra, muitas colchas que eram vendidas no bazar do fim do ano, junto com os trabalhos das outras Irmãs. Norma tentara ajudar a fazer as colchas, os retalhos coloridos exerciam irresistível fascinação sobre ela: mas seus dedos inábeis estragavam todo o trabalho, ela não era capaz de juntar retalhos.

Nos seus sonhos, as cores voltavam: havia verde, azul e muito vermelho. Ela gostava do vermelho, era tão alegre!

Irmã Caetana deixava que ela brincasse com os retalhos, enquanto costurava. Ela adorava aquilo: ficava horas brincando e cantarolando coisas que ninguém entendia — e quando Irmã Caetana mandava que ela parasse de brincar, juntasse os retalhos e varesse o chão, Norma obedecia imediatamente. Ela sempre obedecia, cega e imediatamente.

Um dia, Norma tentou contar à Irmã Caetana o sonho que voltava. Falou-lhe do irmãozinho, que vira no sonho colorido. Mas, como todos a quem falava daquilo, Irmã Caetana desviou os olhos e mudou de conversa. As pessoas sempre faziam assim e Norma nunca sabia se o sonho era sonho só.

Norma gostava também dos dias de chuva: achatava ainda mais o já achatado nariz contra a vidraça e ficava olhando a água cair, formar riachinhos, correndo pela vidraça. Só não gostava dos trovões: metiam-lhe medo. Quando havia trovões, Norma tapava os ouvidos e saía correndo, com suas perninhas tortas, de equilíbrio precário, e se enfiava debaixo da cama. Deus estava zangado com ela, que não entendia por quê.

Os farrapos recusavam a se juntar. Às vezes, a quase certeza de que existira uma casinha com jardim e um irmãozinho. Mas a lembrança se desfazia, misturada com os sonhos que, às vezes,

eram maus. O sonho dos gritos, por exemplo. Norma sonhava com os gritos, as mãos que a empurravam violentamente, tiravam o irmãozinho de perto dela — e os olhos, uns olhos terríveis, que a olhavam com horror, fazendo-a sentir-se amedrontada, culpada sem saber de quê. No sonho havia muito vermelho, muito vermelho e uma faca gigantesca. Norma acordava aos gritos, era difícil acalmá-la então. A lembrança do sonho se misturava à realidade, ela não conseguia encaixar as coisas no lugar. Como naquele joguinho que a moça queria que ela completasse: encaixar as figurinhas nos lugares certos. Ela não conseguia, por mais que se esforçasse, a língua apertada entre os lábios, inteira se dando na ânsia de obedecer — mas não havia jeito.

Por que as pessoas não gostavam de falar no irmãozinho? Será que ele não tinha existido? No entanto, Norma se lembrava da mãe ameaçando cortar as mãos dele, se continuasse mexendo no que não devia. Ou não seria lembrança — apenas mais um sonho? Tantos anos já... Ela não sabia quantos, não tinha noção do tempo no seu mundo sempre igual.

Norma já não conseguia correr com suas perninhas tortas. Irmã Caetana lhe dava remédios amargos, que Norma tomava por pura obediência. E o delírio da febre se juntava aos sonhos e às lembranças, tudo tão confuso...

Norma piorava e piorava. Numa ciranda, os retalhos coloridos passavam na cabeça febril: o irmãozinho mexendo no perfume da mãe, a vizinha aos gritos, Norma obediente, com a faca na mão, muito vermelho, as mãos que a atiravam rudemente para um canto, os olhos terríveis que pairavam no ar, sem dono, a mãozinha no chão, ela tinha apenas cumprido a ameaça da mãe, a faca, os gritos, o vermelho em toda parte, tão bonito o vermelho... Depois, só o cinza a seu redor. Os olhos sem dono dançavam no ar e se pregaram no rosto da mãe. Um retalho costurado. Mas não ficava bonito. Não como as colchas da Irmã Caetana. Por que os olhos lhe causavam medo? Ela sempre tinha sido obediente. Por quê?

Norma morreu sem entender.